

S. SEBASTIÃO

Quadro de Guido Reni

(Vaticano — Roma)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . .	1\$200
» » (3 mezes) . .	600
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

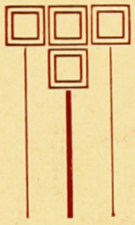
Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

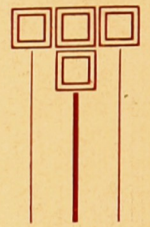
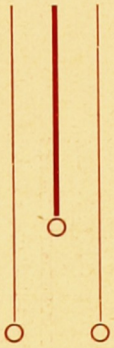
Pensão annual — 120\$000 reis

POVOA DE VARZIM

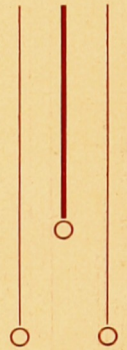
A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL



Estabelecimento
modelar,
optima installação,
clima maritimo
saluberrimo



Lecciona
instrução primaria,
curso geral
dos Lyceus e curso
commercial



Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.º Manoel R. Pontes.*

Artigos Photographicos

As maiores novidades
em chapas, aparelhos,
produçtos, cartonagens
e papeis.

Fornecedores dos principaes
estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica
Photo-miniatura
Photo-pintura

Quarto escuro e machina de
ampliação á disposição
dos amadores.
Lições praticas de photographia.
Acabamento de todos os
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os
artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente.
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR
MAGALHÃES & CARVALHO
43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 17 de janeiro de 1914

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 29—Anno I



PORTO—Altar-mór da capella de N. Senhora da Graça do Collegio dos Orphãos

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)



A excitação dos espiritos, procurando concretisar-se n'um gesto ou n'uma phrase, encontrou-os em Zola: no parlamento e na imprensa, todos traduzem o *j'accuse*, desde os deputados da opposição aos advogados e aos jornalistas; todos se arvoram em juizes, sentenciando o mesmo réo —o ministerio.

Este facto que á primeira vista parecerá extraordinario, é simplesmente normal. Accusações se vêm fazendo desde os primeiros dias da Republica, e ninguem olha para ellas. A differença entre aquelles tempos não muito longinquos, e os de hoje, consiste em as accusações haverem sido feitas em voz baixa e hoje haverem encontrado alguém que desacombradamente as proclama.

Os tres ultimos annos da politica portugueza resumem-se afinal n'uma accusação, n'um libello, e esta accusação e este libello é não só produzido pelos vexados, pelos vencidos, pelos jugulados, mas tambem pelos detentores do poder. A acção governativa tem sido accusar. E' accusando que os governos perseguem. E' accusando que tripudiam sobre o texto das leis. E' accusando que abrem excepções para melhor exercicio de violencias. Do campo opposto a factica é só uma—accusar, sob pretexto de defender.

No fundo a acção de uns conjuga-se á dos outros—e o resultado é identico: a reconstrucção, a reforma, a reorganisação ficam por elaborar, porque accusar é viver as disceptações do soalheiro. Accusar sómente redundo no mesquinho prazer da maledicencia.

Verberar a immoralidade e a indisciplina, é necessario; mas concomitantemente, deve-se-lhes oppôr a honestidade e a disciplina, e estas são, em derradeira analyse, um principio essencial para a boa ordem d'um povo.

Em Portugal ha, por exemplo, uma tendencia monarchica, mas não ha um programma monarchico, commum, abraçando o interesse nacional, desfazendo todas as dissidencias. E por seu lado existe um partido republicano, embora fragmentado, mas partilhando do mesmo ideal e da mesma educação, que no capitulo de reorganisação do paiz offerece um espectáculo desolador.

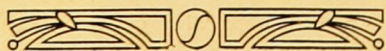
Combater *contra alguém* é alguma coisa: combater *por alguém* é tudo.

E' por isto que a indifferença alastrou, o desanimo e a descrença ennoitaram a alma e o espirito dos velhos republicanos, e a enorme corrente da opinião monarchica ainda não pode vibrar, com applauzo de todo o paiz, o grande golpe de audacia que lhe entregará de novo o poder.

Fallam aquelles n'uma *outra republica* e não dizem o que ella virá a ser, e estes, n'uma *monarchia nova* que vagamente é definida, á maneira do Wenceslau Banana,—em não ser a antiga.

J'accuse! E' bom lembrar que o processo Dreyfus, foi o processo infamante da terceira Republica franceza...

F. V.



(Após a leitura do livro "Les dieux ont soif" ...)

*P*assava então na França um sopro de cratera,
Que o solo estremecia, em convulsões de fera.
Tudo era sangue e dôr: e do alto do vulcão,
Cabeças atirava a atroz revoluçãd.
A historica carreta ajuntou certo dia,
Dois noivos e um amigo, a que a sorte reunia.
Ridente mocidade, a morte se encaminhã,
Tentando libertar a pobre da Rainha;
Lirios brancos do val que um beijo do sol doura
E cahem sem salvar, essa cabeça loura!
A réle de Tinville, infame e traiçozira,
Tinha enlaçado os tres, sem culpa verdadeira;
E entre a grita do povo, altivos e christãos,
Seguiam a sorrir, entrelaçando as mãos.
Voava uma andorinha: em sandazão, de leve
Beijou-os ao passar, com sua azila breve,
Ao longe o sol morria. A viração serena
Lhes trouxe a ciclar, perfumes de verbena.
Tinham chegado á praça. A multidão domina
Alto esqueleto informe: a machina assassina.
Sobe primeiro o amigo; alegre e jovial
Cabe sorrindo ao algóz, soltando um madrigal!
Por fim chegam os dois. Anzaz, bello e ardente
A noiva elle conduz nos braços docemente;
E treme a pobre flôr, bem junta ao coração,
Olhar prezo a olhar, vibrando de paixão.
—Amo-te!... Amo-te!—diz. Vaes morrer minha bella!
Na terra, foste flôr; no céu, serás estrella!...
E na prancha fatal deita-a devagarinho,
Como a mãe conchegando o filho no bercinho...
—Amo-te!—ella então diz... E é findo o seu martyrio:
Tinha descido o disco a ceifar mais um lirio.
—Amei-te!...—elle diz agora... E n'esse ultimo instante,
Presta a linda cabeça á foice scintillante...
Do seu catre d'horror ainda a ama a lita:
—Amei-te!... Amei... O fim cortou-o aspa maldita...

E a cabeça a rolar, foi n'um supremo almejo,
De pôr na face amada o derradeiro beijo!

1913.

V. CLELIA.



"PARSIFAL,"



26 de julho de 1832 representava-se no theatro de Beyruth a suprema obra de Ricardo Wagner, *Parsifal*.

A familia do genial compositor oppoz-se a que a opera fôsse representada em outro theatro. Terminou, porém, no dia 31 de dezembro de 1913 o prazo de trinta annos que a lei concede aos direitos inviolaveis de propriedade, e no dia 1 d'este mez de janeiro, os theatros lyricos do mundo abriram as suas portas com a sublime e ideal obra wagneriana.

Wagner expirou seis mezes depois da representação da sua opera em Beyruth.

Não cabe n'esta revista uma analyse ainda que succinta da personalidade estranhamente assombrosa do grande musico allemão. De toda a sua obra, *Parsifal* attinge a suprema belleza, o esforço titanico do artista ao realizar em fim o seu ideal.

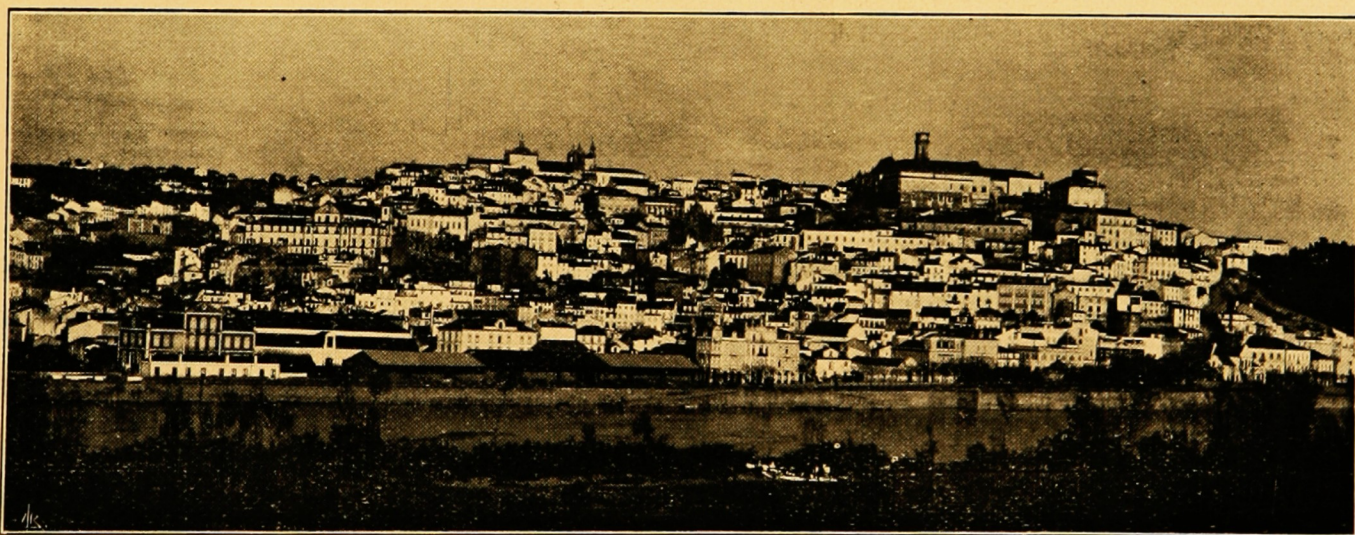
Foi n'uma noite de primavera, em Zurich, que Wagner se lembrou do heroe das canções do Santo Graal, e este thema artistico saciou por completo o seu desejo, manifestado desde os primeiros compassos da Tetralogia, de pôr em musica a Paixão do Salvador. «N'aquelle momento, escreveu

ta na lenda celtico-brefã do Santo Graal reminiscencias, adulteradas é certo, de personagens, feitos e acontecimentos do christianismo. Assim é que a consagração do Graal rememora a Ceia Eucharistica: Kundry, a joven que serve abnegadamente ao velho Klingsor, que rouba a graça a Amfortas, que pretende seduzir a Parsifal e logo se arrepende e chora, unguindo-lhe os pés com balsamo e enxugando-lh'os com os cabellos, é uma directa allusão a Santa Maria Magdalena.

A lucta travada por Klingsor para resgatar o Sagrado Vaso que os cavalleiros do Graal possuem, e cuja posse só aquelle que resistir á tentação, aquelle que se mantiver no estado de Graça, alcançará,—envolve a ideia mesma da Redempção.

A concepção poetica de Wagner corresponde á grande reacção contra o positivismo. E' por isso que o insuspeito Fierens-Gevaert escreve que «o seu principio superior contribuiu para a renascença do espirito christão.» *Parsifal* é em ultima analyse uma esperanza da sua alma, que o pessimismo ennoitara, n'uma ardente e arrebatada renascença mystica!

E é bom recordar que subjugado pela riqueza de sciencia, de poesia, de religiosidade e de inspiração da obra Wagner, o altissimo espirito de catholico que foi Menendez y Pelayo não duvidou chamar a *Parsifal* — *uma grande epopeia do christianismo!*



COIMBRA—Vista geral da cidade

elle mais tarde, eu ouvi esse suspiro da mais profunda piedade que outr'ora se ouviu sobre a Cruz do Golgotha, e que, d'esta vez, se escapou do meu proprio peito.»

N'essa mesma noite escreveu elle os versos com que um dos seus heroes, Gurnemanz, explicaria mais tarde como a Redempção é um mysterio de encanto:

“Homem, d'onde vens? De qual
Escuro mundo pagão?!
Que dia é o de hoje? Não sabes?
E' o dia da Redempção!..”

Wagner encontrava com effeito no sagrado e augusto mysterio, uma veia inexgotavel de inspiração, de poesia, de sentimento e caridade infinitos!

Embora protestante, Wagner era profundamente religioso e elle soube comprehender a verdade historica que apon-

Damos a seguir o argumento da opera, traduzido do hespanhol e devido á penna de um illustra critice d'arte:

«Ao subir o panno, cinco escudeiros, um d'elles Gurnemanz, repousam no bosque do castello onde se guarda o Graal, o vaso sagrado em que foi recolhido o sangue de Christo. Dentro em pouco resoam trombetas: annunciam que o Rei Amfordas, filho e successor de Titurel, a quem os anjos entregaram o precioso thesouro, se dirige a um lago, que se vê ao fundo da scena, e onde quotidianamente se banha, para purificar a tremenda ferida que lhe causou o feiticeiro Klingsor, pretendente ao throno que Amfortas occupa. A ferida sempre dolorosa e sangrenta é incuravel.

Foi rasgada com a sagrada lança, a mesma com que Longuinhos feriu o peito e as costas do Salvador, que é guardada tambem no castello de Monsalvato, e que Amfordas seduzido pela formosa Kunduy, faltando ás recommendações de Titurel, deixou roubar,



Antes do Rei, chega a seductora Kundry que arrepen-
dida traz um balsamo para a chaga da sua victima.
Gurnemanz encarrega-se de entregar o balsamo ao Rei, e
assim faz quando o soberano, estendido no seu leito, passa
pouco depois por aquelle sitio para o banho. Kundry fa-
tigada pela longa caminhada que em busca do balsamo
fez, n'um arroubo de piedade que contrasta com o seu
caracter perverso, deita-se a descansar sobre uns matagaes

BO
O

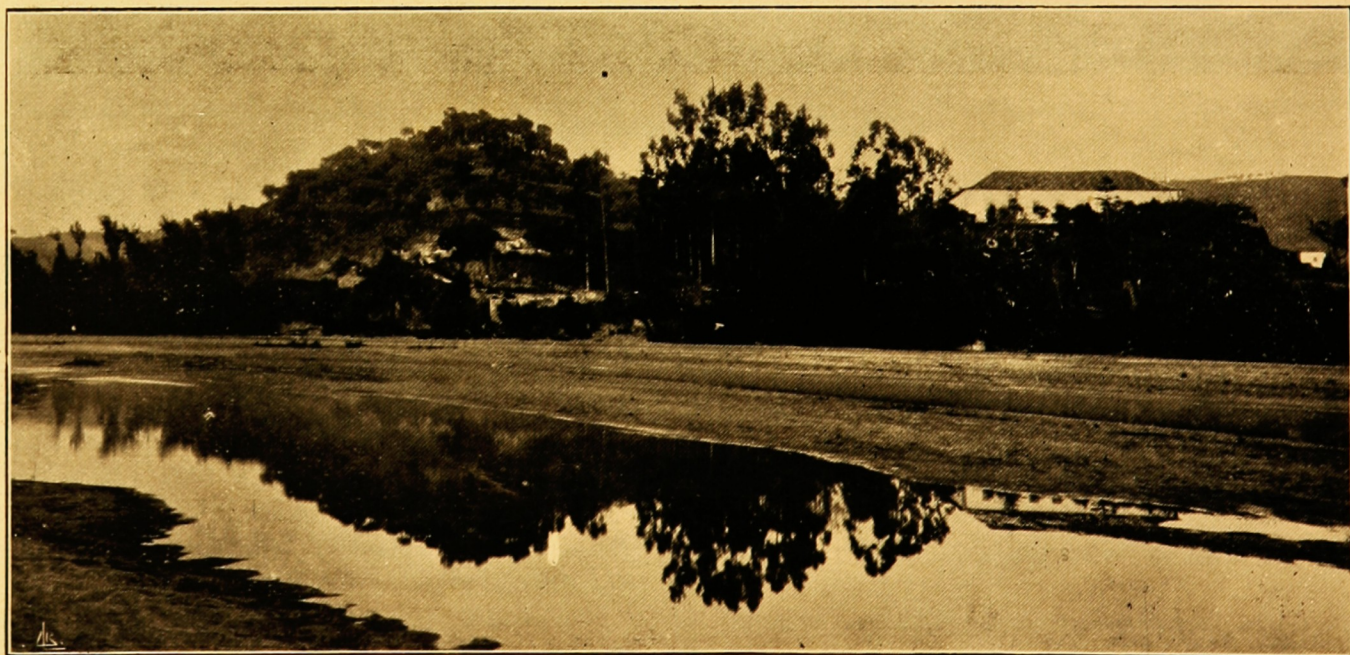
do bosque. Os escudeiros querem obriga-la a sahir d'alli
mas Gurnemanz defende-a.

Entretanto ouvem-se da banda do lago vozes airadas :
um caçador desconhecido feriu um cysne, sagrado como to-
dos os animaes que no bosque vivem. Cahe moribundo o
cysne aos pés de Gurnemanz. O caçador, um rapaz igno-
rante dos prodigios do Santo Graal, é Parsifal.

Gurnemanz interroga-o. O moço, innocente e candido



COIMBRA—Universidade



COIMBRA—Lapa dos Esteios

só sabe responder o nome de sua mãe, Herzeleida, e dizer que foi creado no bosque.

Kundry reconhece-o: é o filho do cavalleiro Gamuret, morto na Arabia, e de Herzeleida, que ao morrer o seu esposo levou o menino para logar recondito, longe da vida, afim de que jamais pudesse sentir o desejo de aventuras nem a ancia de ser cavalleiro como seu pae. D'esta maneira, Herzeleida julga conservar sempre comsigo o filho adorado.

NO

— Vem commigo, diz Gurnemanz a Parsifal. Se o teu espirito é puro, o Graal será teu alimento.

E' que o escudeiro julgou ver no moço innocente o heroe que, entrevisto em luminosas prophecias por Amfortas, ha-de resgatar a sagrada lança das mãos de Klingsor para curar assim as dores irrefragaveis do Rei. Parsifal não comprehende o que Gurnemanz lhe diz; porém, segue-o através do bosque até uma sala ampla de elevadissima cu-



COIMBRA—A' borda do lago da quinta da Portella. Um grupo de academicos

(Clichés do distinto phot. sr. J. M. dos Santos)

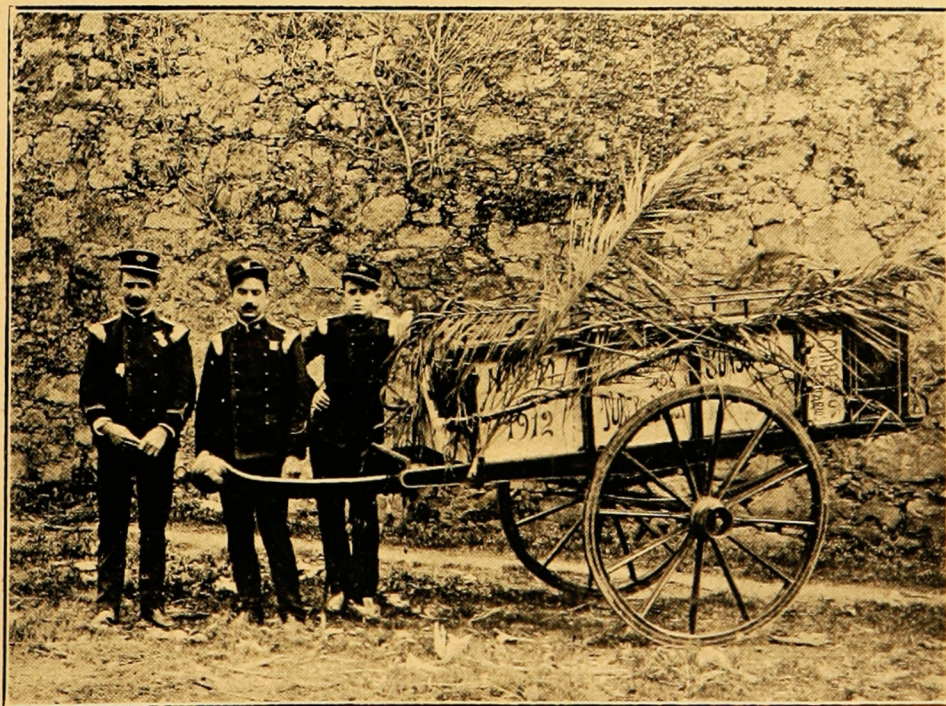
Tal proposito, porém, não se realisa. Um dia Parsifal vê no bosque um grupo de cavalleiros que seguem uma pista. Resplandecem nas suas armaduras brilhantissimas, e Parsifal julga achar-se em presença da divindade.

— Sois deuses? — pergunta.

E em seguida, para ser como elles, abandona a Herzeleida, construe um arco e umas flechas e busca aventuras. Com essas flechas, Parsifal, cheio de valor vence os gigantes e os malfeitores. Com uma d'ellas feriu o cysne sagrado.

A narrativa de Kundry termina por dizer a Parsifal que sua mãe, Herzeleida, morreu. Parsifal ao ouvir isto, maltrata a desditosa Kundry e obriga-a a fugir.

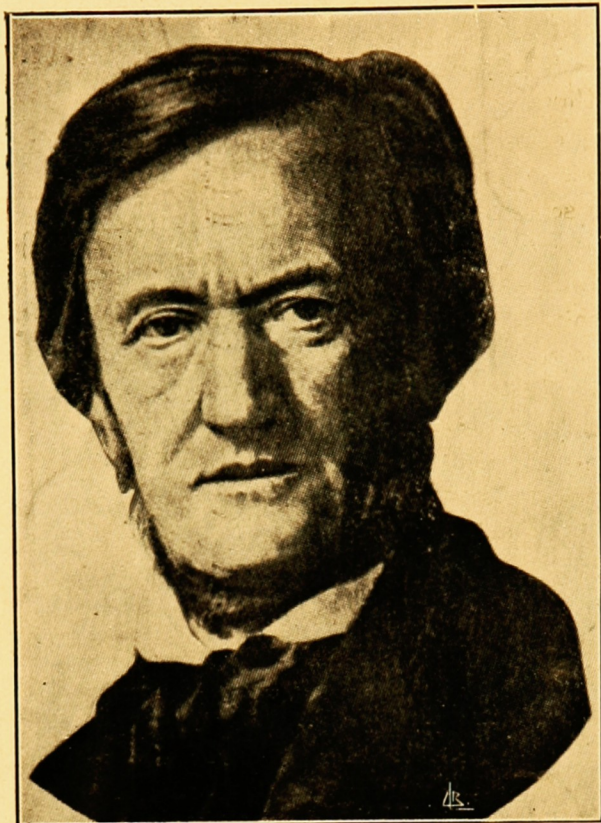
O dia vem crescendo. E' a hora em que Amfortas deve officiar, e o Rei, com o seu sequito, regressa do banho.



BRAGA—Bando precatório promovido pela Associação dos Bombeiros Voluntarios por occasião do Natal em beneficio dos tuberculosos



pula. Veem-se duas mezas de marmore e sobre ellas os calices que hão-de conter o sangue do Salvador. Por uma porta, ao fundo, entram os cavalleiros, cantando mysticas



Ricardo Wagner, celebre compositor allemão, auctor da opera «Parsifal»

orações, envoltos em seus mantos. Lá dentro resoam vozes mais juvenis; do alto da cupula desce o echo de vozes in-

fantis. E' solemne o momento. Dois meninos depõem sobre um altar de marmore a caixa de oiro que guarda o Santo Graal.

Momentos antes, os creados de Amfortas transportaram o seu senhor n'uma liteira e deitaram-o sobre um leito. Faz-se um silencio solemmissimo. E subito irrompe a voz de Titurel que sahe de um nicho occulto na penumbra:

— Officia, meu filho, diz. Deixa-me ver, mais uma vez, antes de morrer, o divino Graal.

Amfortas resiste supplicante. A' vista do Graal, mais terrivel se torna a sua dôr, a dôr da culpa, que lhe inflamma a ferida: porém, a voz de seu pae, cada vez mais imperiosa, obriga-o, e por fim, levanta-se em silencio e segura a sagrada taça. Entretanto, da cupula desce, em torrente de harmonias, a phrase prophetica:

— Espera o innocente, o puro, que illumina a luz da piedade! . . .

Na taça, o sangue resplandece arroxeadado e exhala mysticos perfumes. As vozes cêlicas repetem as palavras sacramentaes:

— *Tomae, este é o meu corpo. Bebei, este é o meu sangue.*

Amfortas eleva o calix; a voz de Titurel dá graças ao Senhor.

Depois, a taça é guardada: de novo a luz decresce. Os calices estão cheios de vinho e cada cavalleiro tem junto do seu um pão alvissimo. Sentam-se todos e o sagrado festim da Eucharistia começa.

Parsifal permanece em extase . . . Os ais de Amfortas, cuja ferida ainda brota sangue, fazem-no estremecer e levar a mão ao coração, dorido de immensa piedade. Terminada a ceia os cavalleiros sahem com Amfortas levando a taça.



MARCO DE CANAVEZES—Edificio da camara municipal



Parsifal fica sósinho.

— Comprehendeste? — pergunta-lhe Gurnemanz; e perante o silencio do moço, grita-lhes: «Vae-te d'aqui e não voltes a caçar no bosque!» e fa-lo sahir.

Entretanto das alturas desce de novo a prophecia: «Espera o innocente, o puro...»

E assim termina o primeiro acto.

O segundo desenrola-se nos dominios do feiticeiro Klingsor. Este procura, ajudado por Kundry, a quem o seu perverso instincto leva a trabalhar pelo mal, a perdição dos cavalleiros do Graal. Kundry, obedecendo a um esconjuro de Klingsor, apresenta-se com resplendores fatidicos. Klingsor recommenda-lhe a seducção de Parsifal, que, perdida a sua pureza, já não poderá ser o salvador de Amfortas, porque não resgatará a lança sagrada. Kundry nega-se a obedecer. N'este momento entra Parsifal no jardim. Luctou com

Parsifal a recordação das torturas de Amfortas reaccende-lhe a piedade. O heroe leva de novo a mão ao coração, dorido de compaixão. Tem a intuição do seu destino sublime e repelle a Kundry, em cujo peito germinou repentinamente uma paixão ardentissima pelo mancebo.

Kundry furiosa por se ver regeitada, chama em seu auxilio a Klingsor e o mago apparece na muralha brandindo a sagrada lança que arroja de subito contra Parsifal. O ferro, porém, não fêre o heroe que o esperou impassivel; fica suspenso sobre elle. Parsifal segura a lança, traça com ella o signal da cruz e diz a Klingsor:

— Está resgatada a lança! Com este signal vencerei teus esconjuros.

O jardim e o castello desabam. Klingsor desaparece com elles: ficam em scena Parsifal erguido, e Kundry, que cahe, aterrada, a seus pés.



MARCO DE CANAVEZES—O snr. Rocha Pinto, administrador do concelho, á janella do seu gabinete. Fóra do edificio veem-se alguns proprietarios do Marco e varios empregados da camara

os guardas que lhe impediam a entrada e venceu-os forçando-os a fugir. Klingsor, que desejava a sua presença, conta regosijado os incidentes da lucta. Quando Parsifal entra, a escura torre, cheia de cabalisticos ornamentos, em que o feiticeiro trabalha, desaba estrepitosamente. As mulheres-flores despertam ao ouvirem o estrepito e invadem a scena curiosamente. Vêem Parsifal, sabem que elle feriu os seus guardas e increpam-no; o moço responde-lhes amavelmente, e logo ellas mudam de attitude: tratam de seduzi-lo. Parsifal repelle-as e escapa ao maleficio. Procura fugir, mas uma voz que lembra a de sua mãe, retém-no alli por mais tempo. Aquella que fallara, porém, não era Herzeleida, era Kundry, disposta a cumprir as ordens do mago. Manda retirar as mulheres-flores e fica sósinho com Parsifal, para seduzi-lo. Começa a lucta entre as trevas e a luz. No espirito de

— Se queres redimir-te, já sabes onde está a redempção!

No terceiro acto, a acção volve de novo aos dominios do Graal. O bosque e os jardins teem um aspecto primaveril, esplendido. Amanhece. Gurnemanz, velho e triste, contempla o bello espectáculo da Natureza. Ouve-se um gemido: é Kundry, que desmaiada pelos ultimos frios, desperta, annunciando-lhe que já chegou a primavera, o seu calor suave e benefico. Gurnemanz interroga-a e Kundry responde-lhe com monosyllabos e com pausados gestos, que contrastam com a sua braveza anterior,

Um sombrio guerreiro entra em scena. Negra armadura o cobre, e a viseira do seu elmo occulta-lhe o rosto. Nas mãos sustenta uma lança e anda solemnemente. E' Parsifal.



— Não quer saudar-me? pergunta-lhe com affectuosã doçura o escudeiro.

— Não sabes que hoje é Sexta-feira Santa? Depõe as tuas armas e resa A'quelle que deu o seu proprio sangue para nós redimir!...

Então, o heroe crava a lança na terra, despoja do elmo a sua cabeça e ora em silencio, de joelhos, ante a reliquia. Gurnemanz comprehende por fim: o cavalleiro é Parsifal, e aquella é a lança, a divina lança, resgatada por suas mãos puras. Parsifal, acabada a oração, saúda-o.

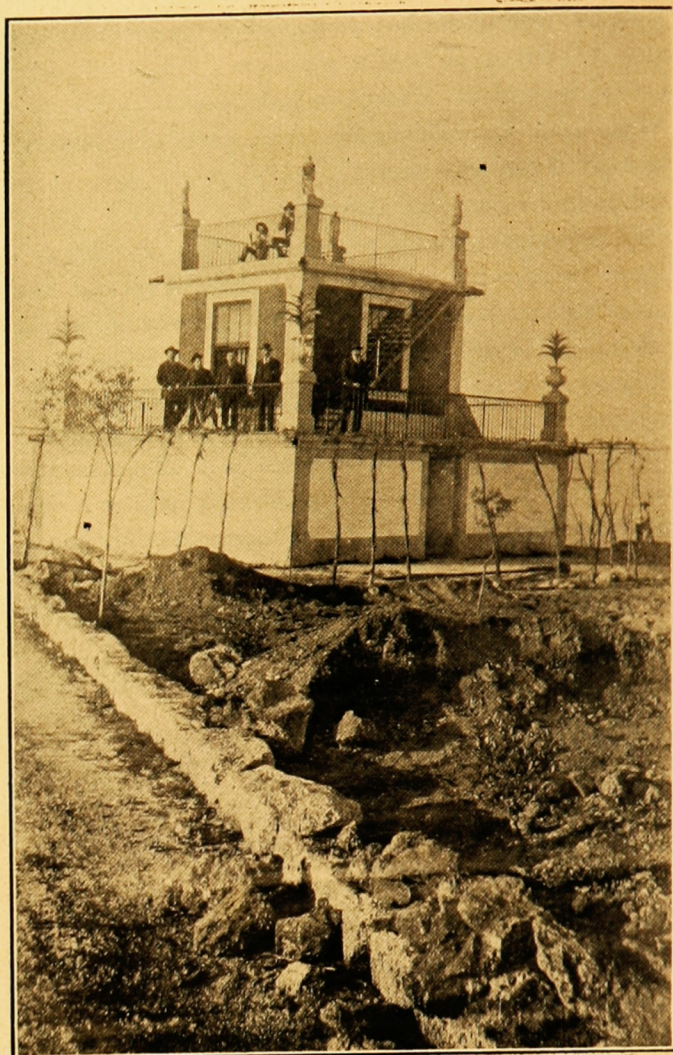
— Para onde vaes? pergunta o escudeiro.

— Vou procurar aquelle homem que vi soffrer, para levar-lhe a saude!

Gurnemanz explica-lhe então. Funda tristeza domina os cavalleiros e escudeiros, privados do alimento divino da Eucharistia. A faça encerrada, já não pode rebrilhar com seus fulgores ante os avidos olhares dos seus guardas. Amfortas chama pela morte, e como sabe que ella ha-de chegar, privando-se do excelso alimento do pão e do vinho, nega-se a officiar. Titurel morreu. As almas desfallecem. Sobre os esplendores do recinto sagrado correm brumas de profunda tristeza.

— E tudo isto porque tu não soubeste comprehender a missão a que o ceu te destinava!... Parsifal, emocionado, desfallece: Kundry e Gurnemanz levam-no até a um manancial e tiram-lhe a couraça e as sandalias: Kundry lava e unge-lhe os pés, renovando o milagre da salvação pelo amor de Magdalena: enxuga-os com os proprios cabellos e prostra-se deante d'elles; então Parsifal estende a ampulla que encerra o oleo a Gurnemanz, para que unja tambem a sua fronte, como Rei soberano do Graal: assim fez o escudeiro, exclamando: «Cumpra-se a prophecia!»

Já Rei, Parsifal toma agua na sua mão, humedece os



MARCO DE CANAVEZES—Mirante da quinta do snr. A. Araujo Freitas



MARCO DE CANAVEZES—Cruzeiro junto da residencia parochial

cabellos de Kundry, e beija-a com ternura ao ver que ella chora cheia de doce emoção. Gurnemanz conduz Parsifal á sala em que se verificou o milagre. Aquelle logar variou de aspecto: está escuro, silencioso, sem mesas nem calices,

morrer!

Parsifal, occulto até agora entre os cavalleiros, avança para o Rei, toca com a lança na ferida, e exclama:

— Só a lança que abriu a tua chaga a pode fechar!

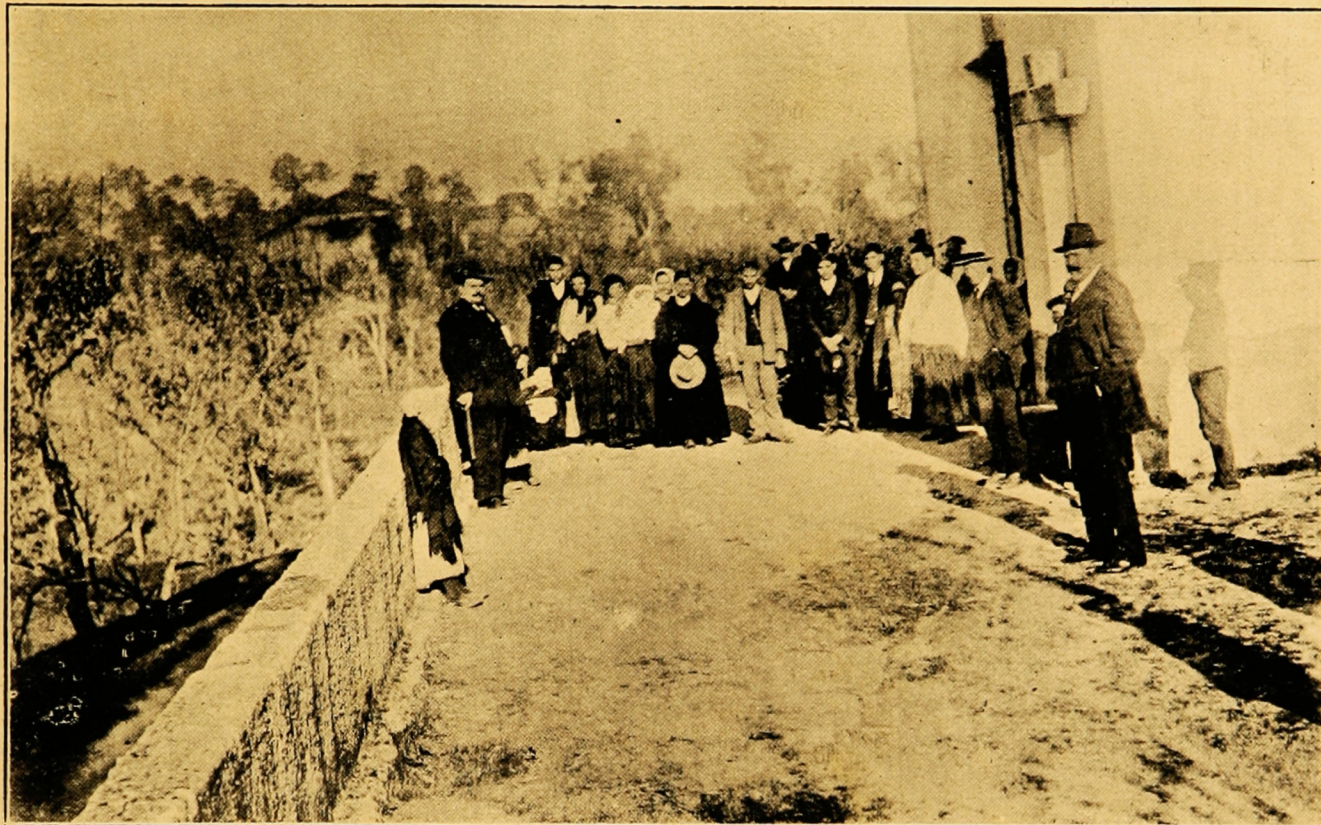


Entretanto, Amfortas, transportado de suprema felicidade, desfallece no braços de Gurnemanz; e o novo Rei sóbe os degraus do altar em seguro passo, e ordena:

— Mostrae o Santo Graal!

A faça divina surge de novo: de novo se inflamma de

mystico resplendor, levando força e ventura ao animo dos cavalleiros: Parsifal prostra-se, arrebatado n'um extasis sublime, emquanto dos céos, entre um raio de luz branca, desce mansamente uma pomba que vem poisar deante d'elle...



MARCO DE CANAVEZES—Sahindo da igreja parochial de Rio de Gallinhas, apoz um baptisado

(Clichês do distincto phot. am. snr. Maximiano Dias Carvalho)



COIMBRA—Grupo de presos politicos actualmente na Penitenciaria, que não pediram o indulto em 1913

Em pé: José Gonçalves da Conceição, Manuel Bernardes, P. Antonio Vieira, Manuel Antonio Santos de Carvalho, dr. Armando Cordeiro Ramos, P. Avelino Simões de Figueiredo, P. Joaquim Ferreira Maneta, Francisco Antonio Ferreira, Manuel Teixeira da Cunha, Antonio d'Oliveira Leite Reis, Carlos Marinho de Queiroz, Pedro Gonçalves, Antonio da Silva, Bernardino da Cunha. *Sentados:* Adriano Bernardes, Manuel Nogueira Jordão, P. Abel da Conceição e Silva, Antonio Miguel, D. Vasco Antonio da Camara (Belmonte), Alfredo Augusto Samuel Santos, Antonio Monteiro Borges d'Araujo, Arthur de Vasconcellos de Veiga Faria, P. Antonio Martins d'Oliveira, e Eugenio Tavares d'Almeida e Sousa.



VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)



GRADAVEL leitora: Vou responder ao seu bilhete anonymo, mais para condescender com a sua gentileza immerescida, que por transigir com a cerrada logica feminina, das suas accusações.

Queria então politica? Qualquer nota velada, qualquer insinuação ao estado do meu paiz?...

nal. Aqui, é que não pode ser. Já vê que tendo razão, foi injusta commigo.

Eu confesso-lhe, sou contrario a que as senhoras intervenham na politica mas quero reconhecer-lhes o direito de o fazerem. A minha amiga—deixe-me chamar-lhe assim—poderia entreter o seu tempo, nas mil futilidades agradaveis, em que as mulheres d'hoje se entretêm, tanto mais que é solteira, como diz, e não tem os deveres sagrados do lar. Mas não quer e faz bem. Sou eu quem lh'o digo, eu, que não concordo com a mulher na politica mas que entendo que no instante actual, é uma vergonha, é um crime, essa esturdia alegre em que se



PORTO—Vista da cidade do alto do Paço Episcopal X onde se encontram os presos politicos

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

—E com certo criterio, que me faz advinhar, debaixo da gentileza feminina do seu anonymato a critica rude d'um homem de bom senso affirma, que a nossa terra, tão preocupada no presente, pelas desgraças proprias, não quer saber das alegrias ou das tristezas alheias.

Tem e não tem razão. A politica portugueza, que no actual momento tem um unico aspecto a considerar, não está, a meu ver, na indole d'esta revista e menos está, francamente, na minha propria indole. Desconheço a transigencia e enveredando pelo caminho que me aponta, teria de transigir. A situação é grave e para conjurar o perigo, não se pode, não se deve, platonicamente divagar nas chronicas d'uma illustração, mas ir abertamente ao fim, pela conferencia, pelo *meeting*, pelo jor-

envolvem todas as suas amigas, de norte a sul, arrastadas na mesma farandola de divertimentos, alheias ao perigo que ameaça, esquecendo quasi, que no exilio, nas prisões, todas, todas, tem alguma pessoa querida, algum noivo, algum amigo ao menos.

Estas, sim, que nem mesmo agora têm o direito de pensar em politica. Poderiam dançar mais ainda—perdoe-me a franqueza, mas não patinarem tanto no *skeating* da nossa terra, usurpado a uma Ordem que tantos serviços prestou á sua patria e muito menos, honrarem-se com o epitheto de canastras.

Ser canastra, leitora, não é sómente exhibir nos vestidos o azul e branco sagrado da bandeira ou usar irreligiosamente como *bentinhos*, o retrato do



seu Rei e andar por todas as festas a transigir com tudo, a parar por medo, aos primeiros accordes da marcha demagogica e pensar depois em intransigencias politicas, vir até forçar—em nome d'esse direito—o meu dever profissional de chronista do estrangeiro. Não; todas o fazem, dirá... Nem todas, direi eu, porque entre as mulheres portuguezas, algumas ha, que na elegancia moral dos seus actos, souberam affirmar a elegancia moral d'uma

raça. Ha senhoras como D. Julia de Brito e Cunha, D. Constança Telles da Gama, D. Anna Pinheiro de Mello (Arnos), que são admiraveis symbolos de grandeza e de piedade, da alma de nossa terra.

Ninguem as pode egualar, porque não se attinge com facilidade tanta abnegação, tanto desassombro, mas podem, devem, ser imitadas, seguidas, na sua obra piedosa.

No dia em que a minha leitora—que já tem a qualidade de não ser como as outras—o fizer, eu terei o prazer, de lhe reconhecer a qualidade honrosa de *canastrinha* com que assigna o seu postal. Por agora, perdão, causa-me a mesma viva pena, que sempre me provocam as pessoas que não sabem cumprir o seu dever, seja por fraqueza como



PORTO—Grupo de alumnos da Tutoria de Infancia

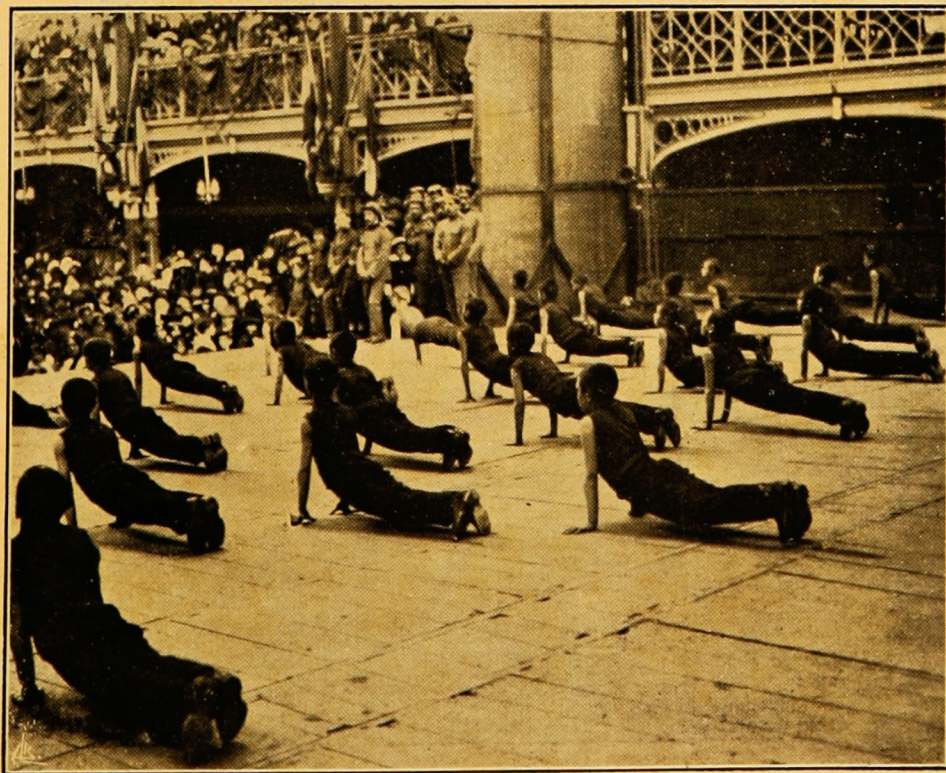
a anonyma gentil, seja por leviandade como aquellas pobres ludibriadas *misses* pela celebre agencia de Chicago.

O «New York Herald» conta pittorescamente o escandalo provocado ha dias por uma agencia americana, que se fartou de ludibriar dezenas de *yankees snobs*, que alli iam procurar noivos aristocratas.

A agencia de Mr. Fulkant, que agora está a contas com a policia, encarregava-se de arranjar titulos de nobreza aos clientes da sua agencia matrimonial. Qualquer aventureiro, que se entregasse nas mãos do habil agente, a tanto por dollar por avô, arranjava estirpe nobiliarchica como se fôra um Montmorency e via com gosto, o seu nome burguez, entroncar no costado d'oiro d'alguma linha do «Gotha». Titulos, mercês, passado, historias e aventuras, tudo enfim, que bem cabe nos ramos heraldicos d'uma arvore, alli se forjava de momento, para habilitar o feliz possuidor de tanta nobreza, ao coração e ao dote d'alguma exotica millionaria.

Mas a policia teve que intervir. Um dos favorecidos de Mr. Fulkant, recusou pagar a avultada somma exigida pelo seu titulo (tratava-se d'um duque)—e o caso depois d'uma *étape* ousada pelos tribunaes, foi parar ás mãos da policia.

Esta agencia tem afinal o valor da novidade. Havia-as para tudo em Paris, com todos os fins, com todos os processos, mas o exotismo americano vem bater ousadamente o *record*. E a proposito d'agencias, vou contar-



PORTO—Os alumnos da Tutoria de Infancia fazendo gymnastica

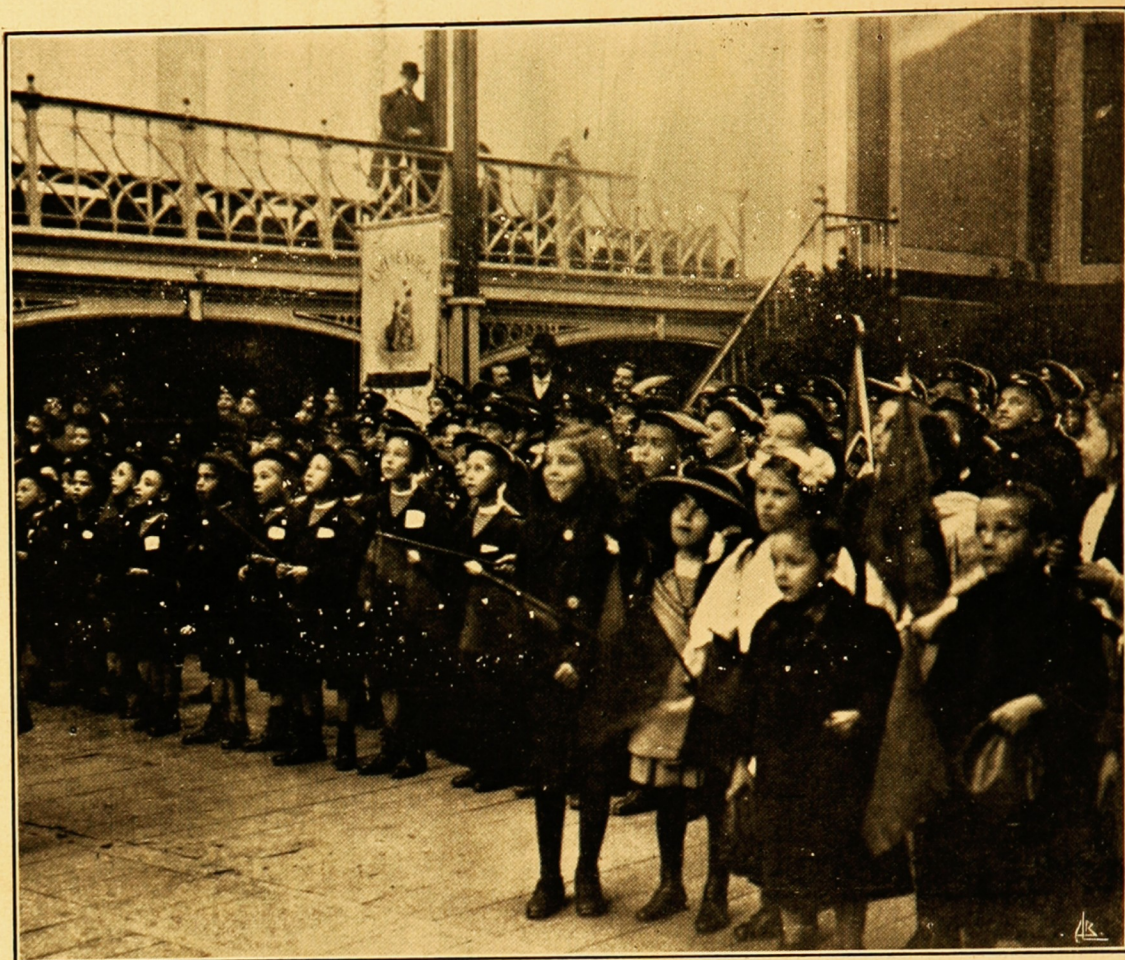
(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)



lhe um incidente picaresco, ouvido algures e moldado tambem, na burla d'uma agencia.

Um dia, um bordelez, ousado, forte, vivendo tranquillo nas suas terras a existencia feliz d'um agricultor, ouviu d'um amigo moribundo, a confissão vaga d'umas minas de cobre no Egypto. Dotado d'uma certa viveza d'espírito e d'uma desmedida ambição, o bordelez, morto o amigo e liquidados os haveres que generosamente lhe deixára, vendeu as suas terras, a casa onde vivera feliz e lançou-se na aventura. O professor da terra, dera-lhe vagas informações, procurara inicia-lo nos

PORTO--Festa infantil no Palacio de Crystal



PORTO—As creanças cantando em orpheon



PORTO—Aspecto do palco onde as creanças cantaram sob a direcção do distincto professor snr. Alfredo Borges



segredos dos grandes negocios e á despedida, com um ultimo abraço animador, deu-lhe uma carta de recommendação para um amigo de Paris que—dizia orgulhosamente—lhe abria as portas da alta finança! O nosso homem partiu, sem uma hesitação, sem uma saudade pela vida tranquilla que abandonava e animado da resolução cega, que impulsiona os inconscientes, lançou-se na lucta.

Em Paris logo soffreu as mais duras decepções. A carta do professor abrira-lhe, apenas, as portas d'um merceeiro d'um bairro afastado, que approvou tambem o negocio, mas que logo o aconselhou, interessado, a collocar o dinheiro na sua casa, que estava prospera e onde produziria mais que todos os cobres imaginarios do Egypto. O bordelez recusou e lá foi bater todos os cantos de Paris, á procura de banqueiros para a sua empreza. Desanimou. Levava um mez correndo por todos os lados, sem o menor resultado e chegou a duvidar do negocio.

— Nada, — dizia — o negocio é bom, é magnifico... o que me falta é auctoridade para o impor; reputação commercial; ninguem me conhece — e lá foi para novas correrias.

Uma tarde o acaso, fe-lo passar por uma ruella escusa de bairro pobre e por cima das portas estreitas d'um casebre, descobriu, em lettras d'ouro desbotado, o nome pomposo de: «*Agencia Internacional d'Informações*» com a rubrica solemne:

NO
OU

«fazem-se e desfazem-se reputações, garantem-se pessoas»... Estacou, leu novamente, e com uma alegria intraduzivel, bateu satisfeito na testa e entrou resolutamente no pateo escuro. Subiu um pequeno lanço d'escadas e encontrou-se n'um cubiculo estreito, cortado por um mostrador carunchoso, jubilosamente recebido por um velho alegre, embulhado n'um roupão de ramagens, que solemne o convidava a passos por uma porta pequena, encimada pelos luxuosos dizeres: «Gabinete do Director». Alli, o bom bordelez, contou, confiado, toda a sua historia, forneceu todos os esclarecimentos, divulgou todos os projectos e obteve do velhote, — em troca de uma nota de mil francos, — a promessa de que



PORTO—Orchestra que tomou parte no festival



PORTO—Grupo das creanças que tomaram parte no concurso de belleza

24 horas depois, lhe forneceria os documentos necessarios á sua apresentação nas grandes casas de Paris.

No dia seguinte, correu á agencia onde recebeu um grande envelope lacrado e, louco d'alegria, sem se despedir, abalou para a rua. N'essa tarde, o acaso ou a impertinencia com que variadas vezes entrara no Banco, fizeram com que um banqueiro o attendesse. Expoz o seu negocio, — attribuindo a sorte inesperada á agencia admiravel — e quasi no fim da conversa, que ia longe, com visivel enfado do interlocutor, desabotou-se, tirou theatralmente do interior do casaco o envelope mysterioso.

— «Aqui tem — affirmou—





PORTO — Aspecto da nave central do Palacio

as provas de quem sou e a garantia do exito — e esperou altivo pela resposta. O banqueiro quebrou os lacres, leu á pressa a preciosa documentação, que logo devolveu assegurando entre pasmado e trocista :

— Mas isto não vale nada ; é a copia a final do que o senhor me disse . . . Não ha uma garantia . . . Não pode ser bem vê . . . O bordelez correu desvairado para a meza, arrancou os papeis ao banqueiro, viu com tristeza a burla e acobrunhado, abatido, perante o pasmo d'este, cahiu desmaiado no chão» . . .

Aqui tem a minha agradavel leitora uma historia veridica, — que o escandalo de Chicago me suggeriu, que tem a sua moral e que representa uma transigencia da minha parte com o seu pedido, porque é — rejubile — uma nota politica . . .

Aproveite-lhe a lição e verá, que o caso alegre do bordelez tem sua relação com as *boutades* economicas de certo estadista ousado, que ha tempos, opprime e humilha uma nação inteira. Estou a vêr a sua curiosidade de mulher, a insistir pelos nomes do estado opprimido e do tyrannete oppressor. Mas não insista. N'essa é que eu não vou cahir . . .



JOSÉ DE FARIA MACHADO.

ANGOLA—Lubango. O sr. Telles Grilo, distincto photographo da «Illustração Catholica» na sua egua SAPHIRA



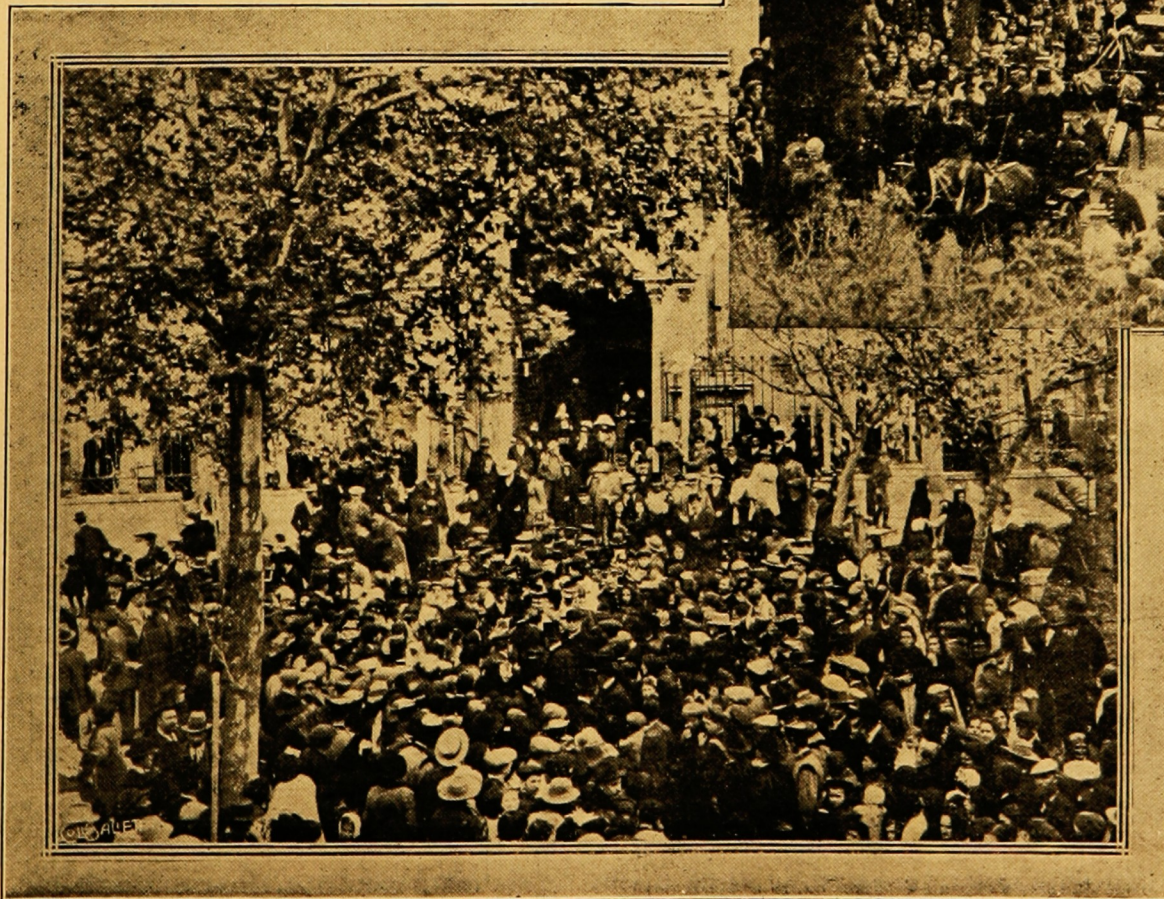
NOZAS DO ESTRANGEIRO



1. FRANÇA—O Snr. D. Manuel de Bragança e sua augusta esposa D. Augusta Victoria, na sua chegada a Paris



2. INGLATERRA—O rei Jorge V passando revista ao material de campanha aem «Althorp Park»



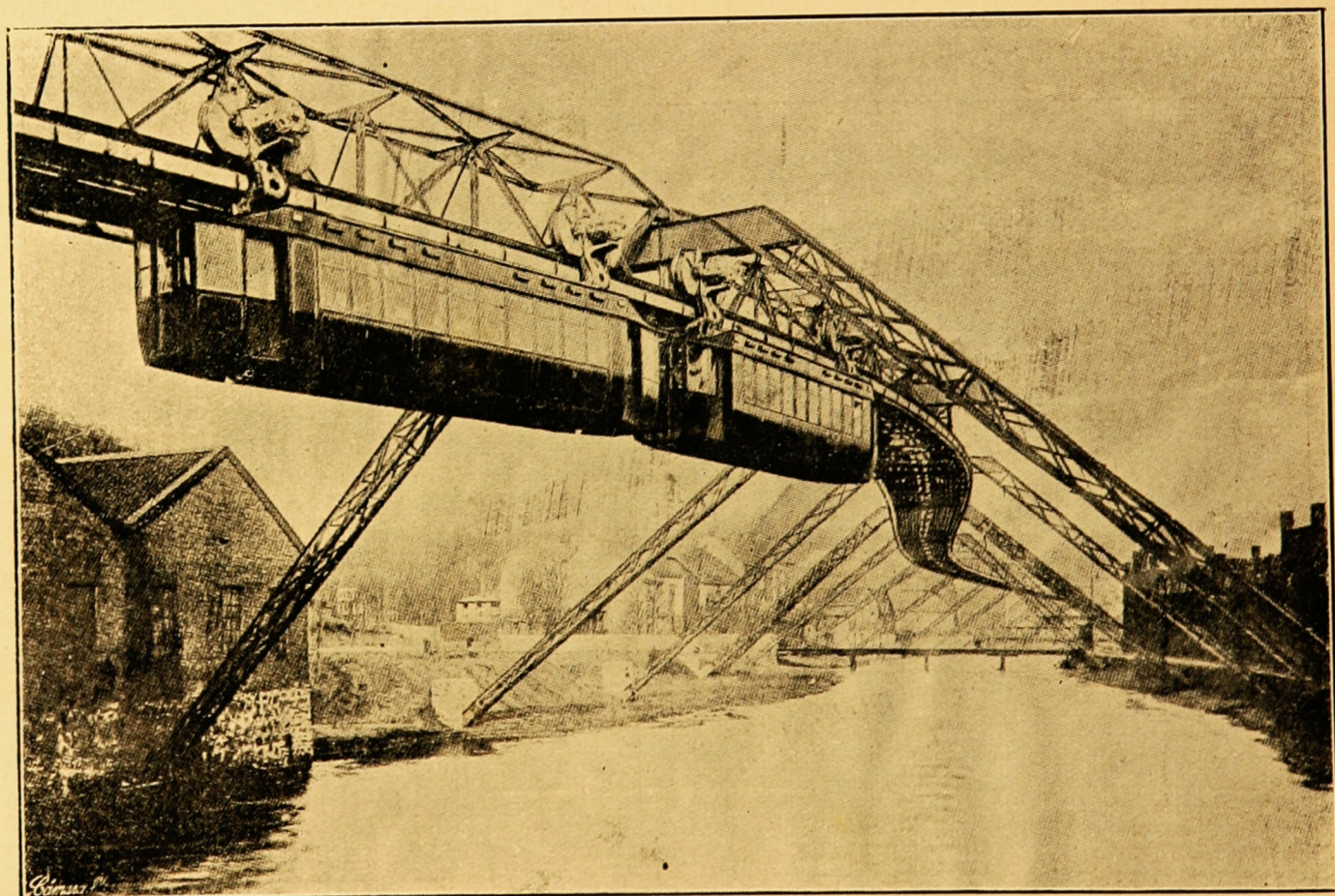
HESPAÑA. Badajoz—Entrada triunfal do novo bispo D. Adolpho Muñoz na capital da diocese

Aspecto do cortejo na saída da cathedral





FRANÇA—Exercícios athleticos realizados ha dias em Reims



ALLEMANHA—Linha ferrea aerea que liga a villa de Barmen com Elberf e que, suspensa sobre o rio Wapper, cuja corrente segue, offerece um effeito admiravel

